



A inscrição do trauma: sobre *Die Ursache*, de Thomas Bernhard

Gabriela Bruschini Grecca

Universidade do Estado de Minas Gerais, Av. Paraná, s/n, 35501-170, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: gabriela.grecca@uemg.br

RESUMO. Este artigo é um desdobramento de uma pesquisa desenvolvida dentro de uma Residência Pós-Doutoral feita no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), focada na autobiografia do escritor austríaco Thomas Bernhard (1931-1989). A pesquisa teve como objeto o volume *Origem*, publicação da Companhia das Letras que compila cinco relatos autobiográficos escritos entre 1975 e 1982. Neste texto, exponho alguns dos resultados referentes à análise do relato escrito em 1975, denominado *Die Ursache* [‘A causa’]. O objetivo principal foi analisar como a formação do sujeito autobiográfico, por meio das escolhas de composição narrativa, entrelaça-se com os rastros de uma vivência à luz (ou à sombra) do solo austríaco, marcado pelo nazismo e pelo imediato pós-guerra. Recorrendo a alguns recursos teóricos provenientes da psicanálise e do materialismo lacaniano, investiguei como Bernhard utiliza a linguagem como ferramenta para expressar sintomas e angústias resultantes de experiências traumáticas que não são somente suas, mas de um coletivo. Assim, a análise de *Die Ursache* revela a denúncia da sobrevivência das marcas do Estado nazista, destacando tanto a impossibilidade de conformação social quanto a persistência do trauma, ao mesmo tempo em que desestabiliza a centralidade do relato no ‘ideal de eu’ construído – tomando como ponto de partida a lição de Lacan de que a centralidade do ‘eu’ não existe, bem como, para Žižek, o sujeito jamais se constrói acima da ideologia. Busquei, dessa forma, dialogar com as complexidades históricas e culturais da época de Bernhard – sem recair em psicologizações como ‘ressentimento’ e ‘melancolia’, ou focar no conteúdo do relato apenas como expressão de uma vítima. Por fim, destaco, ao longo do artigo, os momentos que me permitiram observar os sintomas que revelam os obstáculos, a impossibilidade e a persistência do Real.

Palavras-chave: literatura austríaca; autobiografia; psicanálise; materialismo lacaniano; Thomas Bernhard.

Inscribing trauma: about *Die Ursache*, by Thomas Bernhard

ABSTRACT. This article is an extension of a research project developed during a Postdoctoral Residency in the Graduate Program in Literature at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), focusing on the autobiographical works of Austrian writer Thomas Bernhard (1931–1989). The study examines *Origem* (Origin), a volume published by Companhia das Letras that compiles five autobiographical narratives written between 1975 and 1982. This article presents some findings from the analysis of the first narrative, *Die Ursache* (The Cause), written in 1975. The primary objective was to explore how the formation of the autobiographical subject, through specific narrative choices, intertwines with traces of lived experiences shaped by the Austrian socio-historical context, particularly marked by Nazism and the immediate post-war period. Drawing on theoretical frameworks from psychoanalysis and Lacanian materialism, I investigated how Bernhard employs language as a tool to articulate symptoms and anxieties stemming from traumatic experiences that transcend the individual and reflect a collective dimension. The analysis of *Die Ursache* underscores the persistent imprints of the Nazi state, highlighting the impossibility of social conformity and the enduring presence of trauma, while destabilizing the centrality of the narrative in constructing an ‘ideal ego’—an approach informed by Lacan’s notion that the centrality of the ‘I’ is an illusion and Žižek’s assertion that the subject is never constructed outside of ideology. This study seeks to engage with the historical and cultural complexities of Bernhard’s era without reducing the narrative to psychological categories such as ‘resentment’ or ‘melancholy’, nor viewing the content solely as the expression of a victim. Finally, the article identifies moments where the symptoms reveal the obstacles, impossibility, and persistence of the Real.

Keywords: Austrian literature; autobiography; psychoanalysis; lacanian materialism; Thomas Bernhard.

Received on July 17, 2024.
Accepted on January 23, 2025.

Introdução

O presente texto sintetiza alguns desdobramentos de uma pesquisa de Pós-doutorado, cuja proposta inicial emergiu da necessidade de compreender as particularidades da autobiografia do escritor austríaco Thomas Bernhard (1931-1989) em um contexto histórico complexo. Selecionei como objeto de estudo a obra *Origem*, organizada em 2006 pela editora Companhia das Letras, que reúne cinco relatos autobiográficos escritos entre 1975 e 1982. Diante disso, o cerne de minha pesquisa pautou-se, em um primeiro momento, na busca por compreender como a formação da subjetividade expressa pelas escolhas narrativas de Bernhard se entrelaça com o contexto austríaco, inserindo o escritor em uma teia de significados que ultrapassam os limites do explicitamente narrado e retirando-o do lugar do sujeito que exprime objetivamente seu próprio eu. Em segundo lugar, busquei pensar seus recursos de composição como ferramentas para a expressão de sintomas e de angústia, ao mesmo tempo em que representam escolhas que fazem emergir a relação do sujeito autobiográfico com a Áustria como gênese material de expressões que, no fundo, estão ali concatenando o sofrimento psíquico. Nesse sentido, estou de acordo com autores como Ruth Bohunovsky (2010) e Alexandre Villibor Flory (2006), no sentido de que é impossível circunscrever os escritos de autores como Bernhard a características de uma suposta ‘literatura de língua alemã’, uma vez que a expressão apaga, de diversas maneiras, as especificidades da literatura austríaca (a começar pelo fato simples de que nem todo autor austríaco escreve em língua alemã). Isso não quer dizer buscar por uma ‘essência’ que trace limites estáticos, mas sim um convite a olhar para as “[...] interdependências e correlações da literatura com contextos sócio-históricos singulares, com realidades extratextuais relevantes para a socialização de autores austríacos” (Bohunovsky, 2010, p. 143). Para este artigo, elucidarei como isso se dá a partir de algumas análises produzidas para o relato *Die Ursache* [A causa, 1975], o segundo inserido em *Origem*.

Bernhard desdobrou a linguagem até as consequências para denunciar o Estado nazista, que atravessou sua vida logo quando era menino, principalmente por razões de classe e do convívio com parentes imediatos (tios, o próprio avô) que demonstravam afinidade a posições políticas ligadas ao comunismo e ao anarquismo. Na infância, já morando na região periférica de Traunstein, um dos marcos principais da vida do autor foi ter sido retirado de casa e levado por uma assistente social para Saalfeld, na Turíngia (a família havia se mudado para a Alemanha logo após a *Anschluss*), com a desculpa de que seria necessário levá-lo a uma casa de repouso para correção de seu caráter, por ser uma criança que não acompanhava os outros na escola regular. Em Saalfeld, a prometida casa de repouso revelou-se, na verdade, ser um dos institutos chamados de ‘Lar de Reeducação Nacional-socialista’. Nela, Bernhard foi forçado a passar fome, sofreu torturas físicas e psicológicas, entoando, toda a manhã, os hinos nazistas e, ao mesmo tempo, sendo forçado a sentir vergonha por ser austríaco, ‘raça’ mal-vista pelos alemães. Ironicamente, ao término da guerra, quando é levado a morar em um internato em Salzburgo, a fim de dar continuidade a seus estudos escolares, o agora adolescente descobre que o país não somente havia abraçado o nazismo com a mesma sede de integração: após a guerra, o país refugiou-se em um catolicismo extremamente moralista e dogmático, e, na concepção do autor, continuou assim sem perspectiva de mudança. Desde o início, inclusive, a própria *Anschluss*, após semanas de propaganda massiva e de intimidação, foi aprovada pelos austríacos com 99,73% dos votos – o que nos lembra que desde a gênese do problema a posição dos austríacos perante Hitler contemplou tanto medo quanto fascínio.

Jornalistas vienenses como Paul Hofmann (1996) relatam cenas similares às transmitidas por Bernhard: na Áustria, finda a guerra, um comerciante nacional-socialista poderia simplesmente voltar ao seu posto e receber a clientela que um dia a ele antagonizou, seguindo o dia normalmente. Os vienenses que permaneceram na capital não raro demonstravam aos retornados, conta Hofmann (1996), um sentimento que dava a entender que a verdadeira catástrofe era a ocupação soviética que em curso após a queda do Reich, e não a *Anschluss*.

Bernhard jamais buscou conter tais feridas históricas em seus escritos ficcionais e não-ficcionais – fazendo uso de ‘excessos’ linguísticos, tais como a repetição, a hipérbole e configurações diferentes do humor de modos inesperados. Todo um exagero semântico é evocado pelo sujeito autobiográfico nos relatos selecionados em *Origem*, podendo o autor, desse modo, ser reconhecido na chave da existência que se destinou obstinadamente a perturbar - obstinação, talvez, que buscou transgredir a necessidade de reconhecimento dentro de uma ordem social cujas normas jamais poderiam fazer com que Bernhard fosse admitido como sujeito. Sua integração era impossível e qualquer ímpeto de conformação foi extirpado da história do escritor já em sua infância, conforme será possível demonstrar através dos três relatos. Creio ser importante também ressaltar que a escrita literária vem tardiamente na vida de Bernhard, datando a maior parte de sua produção dos anos 70 e 80, isto é, concentrada nos últimos 20 anos de vida do autor, uma vez que a maior parte de sua

existência consistiu justamente em resistir ao nazismo, aos subempregos e aos problemas respiratórios graves, levando-o constantemente a internações - dimensões institucionais (escola, trabalho, sanatório pulmonar) que afetaram sua vida social, ao mesmo tempo em que formaram um mosaico de espaços que compõem seu horizonte de expectativas.

A respeito da autobiografia, este gênero híbrido que transita entre o ficcional e o não-ficcional foi lido na chave proposta por Jeanne-Marie Gagnebin (2009), no ensaio 'Entre moi et moi-même'. Na leitura da autora, o sujeito autobiográfico contemporâneo é alguém que precisa driblar um duplo obstáculo: (1) a pretensão de transparência - de que o sujeito é capaz de transmitir 'a verdade' sobre si; e (2) o narcisismo - a ideia de que o valor do sujeito é tão indubitável que ele é maior do que a insignificância que o capitalismo contemporâneo lhe confere. Para ela, a autobiografia pode ser bem-sucedida quando a aparência de particularidade justamente quando se consegue um 'desvio da história de um si singular' para alcançar a coletividade. Corroborando este ponto, é possível consultar momentos da obra de Eugène Enriquez (1990), *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Para o autor, o vínculo social com os outros também é justamente o fator que provoca e desestabiliza as tendências narcísicas dos sujeitos, especialmente no que diz respeito a perceber que os outros também são sujeitos de seus próprios desejos, que frustram, contradizem e traem as expectativas do eu.

Os relatos autobiográficos de Bernhard são uma prova viva dessa realização, à medida que cada narrativa de si traz tanto sobre Áustria quanto sobre Bernhard, e sobre Áustria em Bernhard. Neles, o leitor possui acesso à narrativa dessa inscrição dos educadores (da família, da escola e das instituições nazistas vigentes durante e depois do Terceiro Reich) no corpo do sujeito que experimenta e registra suas memórias, e que castraram o reconhecimento de Bernhard como um sujeito ativo em relação ao próprio desejo - diante de normas sociais que buscavam gerar uma nova juventude que só pudesse existir na rede Simbólica¹ a partir do Führer.

Autobiografia, psicanálise e materialismo lacaniano

Ao mesmo tempo em que é necessário posicionar o sujeito que narra como aquele que está entre o eu e o outro, é importante recuperar neste momento o próprio título de um dos ensaios que provocou o ponto de viragem na história da psicanálise: *Das Ich und das Es* (1923), de Sigmund Freud. Nele, o pai da psicanálise considera que boa parte dos fracassos em se estudar o aparelho psíquico esteve na retenção das atenções apenas à parte mais superficial deste aparelho - o Eu e os desdobramentos da consciência - enquanto o Id (o 'Isso') é, na metáfora do próprio Freud (1923-2011), o cavalo cujas forças precisam ser devidamente freadas pelo cavaleiro (o Eu). Para Jacques Lacan, no entanto, há uma diferença crucial neste ponto. Para Lacan, o Eu precisa ser lido na chave do descentramento. Ou, nas palavras de Jacques-Alain Miller, o eu é um engano: "[...] eu, nessa concepção, não é unificador, tampouco é unificado, é uma desordem de identificações imaginárias" (Miller, 2002, p. 23).

Assim, na autobiografia, tentar reduzir a narrativa por meio da eleição da palavra do Eu como fonte de unicidade dos fatos representa, no viés da psicanálise, um verdadeiro erro metodológico. O inconsciente, de modo geral, não está nas camadas profundas, caóticas e indiretamente acessadas; este aparece na linguagem, nos desvios da linguagem, além de ser estruturado 'como' uma linguagem. Nos seus *Escritos*, Lacan diz a seus interlocutores que é necessário "[...] nos libertarmos da ilusão de que o significante responde à função de representar o significado [...]" ou que aquele "[...] tenha que responder por sua existência ao título de uma significação qualquer, seja ela qual for" (Lacan, 1998, p. 501). Ao contrário, "[...] é na cadeia do significante que o sentido 'insiste'" (Lacan, 1998, p. 505, grifo do autor), isto é, no momento de produção em que ele é articulado, apontando para uma determinada situação, no tempo presente do sujeito.

Assim, 'hipérbole' e 'verborragia', por exemplo, figuras de linguagem comumente associadas à escrita de Bernhard não podem ser entendidas através de significados dicionarizados ou previamente teorizados, para depois pensar a autobiografia de Thomas Bernhard. São os relatos do escritor que vão evocar modos inéditos de se relacionarem com o que a nós lembra a hipóbole e a verborragia. Interessa, assim, poder identificar o surgimento dos impasses entre sujeito e escrita, e, em tais impasses, reposicionar e reinterpretar os curtos-circuitos representados pelo mal-estar e pelas (des)ilusões frente ao corpo social em que se habita.

Redimensionado o lugar do social e da teoria psicanalítica na análise dos relatos autobiográficos de Thomas Bernhard, dando-lhes sua devida justificativa e relevância, é necessário igualmente demonstrar o que

¹ Na tríade proposta por Jacques Lacan, estruturada a partir da figura geométrica do nó borromeano, o Simbólico se refere ao domínio da linguagem (junto ao Imaginário) e, portanto, dos atos de narrar. É o universo social compartilhado, permeado por regras de sociabilidade explícitas e implícitas, estruturado em torno da fantasia (Lacan, 1964-1974).

pode o materialismo lacaniano oferecer para ter sido escolhido como abordagem para a interpretação literária. Atribui-se o nome de materialismo lacaniano ao campo de estudos inaugurado por Slavoj Žižek, filósofo esloveno ligado à Escola Eslovena de Psicanálise, e a Alain Badiou, filósofo franco-marroquino que, assim como Slavoj Žižek, também foi discípulo de Jacques-Alain Miller, responsável pela organização e pela transmissão do pensamento de Jacques Lacan.

Žižek vem de uma tradição de revisão crítica ao materialismo ortodoxo que não era nova ao século XX, mas partindo de uma gênese singular, esboçada no que podemos chamar de história do freudomarxismo no século XX. A primeira geração, que se destaca a partir de 1920, tem como marco fundamental a obra de Georges Politzer ([1928] 2022) intitulada *Crítica dos fundamentos da psicologia*. De Politzer, diversos outros autores somaram-se de modo a demarcar claramente a necessidade de a psicanálise ter potencial para cada vez mais mirar na gênese material do sofrimento, como aquilo que efetivamente interfere na produção das subjetividades.

Em um segundo momento, os anos de 1960 darão continuidade a este debate, momento em que ocorre a importante junção entre Lacan e Althusser, e, dentro desta vertente, Alain Badiou. Quando Žižek aparece, já é um terceiro momento desta história, em que a renovação da experiência da psicanálise a partir do marxismo (e vice-versa) não é mais uma questão de interesse apenas para os psicanalistas, mas para os estudiosos da ‘teoria psicanalítica’ - isto é, para aqueles que veem a psicanálise não somente como clínica, mas como ferramenta teórica/crítica de leitura do mundo. É o que faz a Escola Eslovena de Psicanálise, à qual Žižek é vinculado desde a década de 1980. Desta Escola, todos são filósofos que acreditam no potencial tanto da psicanálise (agora não mais freudiana, e sim lacaniana) como do marxismo.

Ao recuperar Lacan, também Badiou como Žižek possuem o seguinte propósito em mente:

[...] os novos lacanianos [Badiou e Žižek] fizeram uma leitura criativa e aplicações diferenciadas dessas ideias. Segundo eles, Lacan, com sua recusa de definições, sua perpétua abertura para o jogo de novos significados e sua proposta de que o Inconsciente se estrutura como linguagem, se aproxima de autores como Derrida e Deleuze, no sentido de recusar em formas autoritárias de pensamento [...]. Essa aplicação de Lacan resgata o subjetivo, o psicanalítico e as pressões do Inconsciente para o campo da coletividade, do social (Silva, 2009, p. 211-212).

É nesta linha que Žižek leva as problemáticas para a análise de elementos da cultura popular e de acontecimentos históricos, oferecendo uma leitura de entrelinhas que, algumas vezes, podem aparecer difusas para o público receptor ou até mesmo cautelosamente camufladas pela ideologia dominante. Isto leva a um fator interessante que diz respeito às leituras do filósofo esloveno: o autor não estatiza os conceitos lacanianos. Ele percebe as variações, por exemplo, do Lacan que se aproximava da fenomenologia e do que posteriormente se influenciou pelo estruturalismo e não estabelece decisões entre qual a posição correta/errada. Isto não significa que o autor modifica os conceitos como bem lhe apetece, mas que não toma nenhum ponto da teoria como definitivo (lição inicial da *Introdução à dialética* de Adorno) e que são as próprias condições de possibilidade que movem a teoria.

Contudo, deve-se ressaltar que a união do materialismo com a psicanálise não visa pregar uma socialização do inconsciente, deixando este último desprovido de suas características biológicas e psíquicas para entendê-lo a partir de sua materialização, fazendo com que todas as pulsões e características inerentes sejam eliminadas. Žižek (1992) explica que aqueles que se propõem a historicizar o inconsciente somente efetuam uma troca do termo ‘natureza’ por ‘cultura’, o que não altera, mas apenas inverte, sem critério, as relações. Afinal, o inconsciente não pode ser domesticado. Em segundo lugar, bem como a tensão entre sociedade e inconsciente não pode, de modo algum, ser eliminada, fazendo com que toda pretensão de amenizá-la seja falsa.

Diante disso, as relações entre a literatura e o materialismo lacaniano poderiam ser tomadas como formas de acessar experiências de espraiamento e dissolução do sujeito, como indivíduo e como ator social simultaneamente. No mesmo sentido, quando se torna método de aplicação na autobiografia, é possível analisar a que responde a linguagem usada e como provoca reflexões de maneira irrepetível, justificando o amparo teórico hoje encontrado nesta corrente. É justamente isso que torna possível interpretar a construção da linguagem do autor austríaco junto a uma elaboração de suas vivências sociais que vão para além de seu projeto consciente, e que tem germes de significação produtivos.

***Die Ursache* – considerações sobre a primeira parte, ‘Grünkranz’**

A primeira parte do relato de *Die Ursache* se passa praticamente nos anos correspondentes à Segunda Guerra Mundial, finalizando um pouco depois de seu final (aproximadamente meados de 1946). Há uma divisão da narrativa em duas partes: a primeira recebe por título ‘Grünkranz’; a segunda, *Onkel Franz* (‘Tio

Franz'). Dois nomes próprios extremamente decisivos para os acontecimentos e, como Bernhard busca demonstrar, quase peças sociais 'intercambiáveis' em seus valores e funções.

Em 'Grünkranz', Bernhard inicia seu relato em um tom extremamente direcionado ao ataque a Salzburgo: "Povoada por duas categorias de pessoas, os negociantes e suas vítimas, a cidade só se deixa habitar de modo doloroso por aquele que ali aprende e estuda" (Bernhard, 2006, p. 119). Aqui, refere-se a si próprio, uma vez que serão estes os anos decisivos para que Bernhard, pouco depois da Guerra, abandone a escola: "[...] [u]ma cidade, portanto, muitas vezes habitável apenas de modo pérfido-letal [...] o clima pré-alpino [...] 'é decerto prejudicial à saúde, oprime com consistência cabeça, corpo e tudo mais desses seres inteiramente expostos a semelhantes condições naturais'" (Bernhard, 2006, p. 119, grifo do autor).

A associação do clima pré-alpino com efeitos prejudiciais à saúde sublinha a visão de Bernhard não sobre as condições naturais da região, mas, ao contrário, sinaliza a intensidade de suas impressões e sentimentos em relação a Salzburgo – capital na qual reside durante o internado, mas cujo estado [*Bundesland*] já havia residido em boa parte da infância, na cidade de Seekirchen am Wallersee. Esta intensidade se fará extremamente clara em excertos decisivos para este início do relato. Vale a pena determo-nos nessas primeiras páginas por um momento, principalmente porque há ocorrências decisivas em termos formais: uma alternância notável entre terceira e primeira pessoa da narração. Tome-se este exemplo, inclusive mencionando o substantivo que dá nome ao relato – 'a causa', em que a terceira pessoa de repente fratura o que vinha até então sendo contado em primeira:

[...] encerrado desde a mais tenra infância no falso espetáculo do renome internacional de Salzburgo, [...] na falta de recursos e de amparo de uma infância e de uma adolescência inteiramente desprotegidas. [...] Contrariando toda calúnia, mentira e hipocrisia, é necessário que 'diga a si próprio, ao intentar por escrito esta indicação de uma causa, que a cidade impregnou todo o seu ser e definiu seu intelecto sempre foi', sobretudo na infância e na adolescência, 'uma cidade a lhe ferir a mente e a alma', sim, sempre 'a lhe maltratar' mente e alma, a castigá-lo e puni-lo sem cessar, direta ou indiretamente, por infrações e crimes não cometidos, a esmagar-lhe a sensibilidade e a suscetibilidade, [...]. 'Ao longo desse tempo de estudante, sem dúvida a época mais terrível de sua vida [...] alto foi o preço que ele pagou pelo restante da sua existência' (Bernhard, 2006, p. 121, grifo nosso).

A invasão da terceira pessoa neste excerto revela uma dinâmica fragmentada entre o narrador e sua relação com a cidade de Salzburgo, atuando na visualização da distância entre o Eu e o desejo. Talvez seja relevante, para fins didáticos, recuperar o 'esquema L', tal como designado por Lacan (1992) no Seminário 2, e situar a diferença entre o eu como *S* e como *a*. Em tal esquema, temos *S* como o sujeito barrado, expulso da identificação narcisista primária, que vive no Simbólico acessando apenas indiretamente o inconsciente, por meio dos sonhos e dos sintomas. Esse sujeito encontra-se barrado porque, nos primeiros momentos da infância, existiu uma suposta identificação imaginária entre *a* (o 'eu ideal') e *a'* (o pequeno outro, que depois se transformará em objeto *a*) até o momento da castração imposta por *A* - o grande Outro – por meio de suas derivações e de seus significantes. Após a castração de *A*, a relação direta que um dia existira entre *a* e *a'* torna-se a representação do que foi (ou poderia ter sido), e o 'eu ideal' é interrompido de uma relação de pura adequação aos seus entornos, não somente pela influência de *A* sobre *S*, mas de *A* sobre o próprio *a* - onde é instaurado a imagem do que se deve ser – o 'ideal de eu'. É este último que faz com que *a'* transforme-se no objeto *a*, a quem *S* dirige-se através da criação da fantasia de que algo possa ser recuperado para ser resgatada a completude junto a *a* - que jamais existirá.

O que isso pode oferecer de paralelo às alternâncias de narração de *Die Ursache*? É preciso lembrar que a declaração não apenas transmite o conteúdo, mas também revela o modo como o sujeito se relaciona com ele (o relato afeta o conteúdo). Assim, a influência do grande Outro sobre o sujeito barrado pode ser comparada ao modo como Bernhard, na posição de sujeito autobiográfico, endereça-se à cidade de Salzburgo como se esta fosse o grande Outro que lhe cerceia - uma força punitiva de sua vida, um paradoxo de insubstancialidade, porém, ao mesmo tempo, substancialidade na medida em que o sujeito atribui a esta ficção uma personificação e, paradoxalmente, adquire uma certa dependência dela:

Apesar de todo o seu poder fundador, o grande Outro é frágil, insubstancial e propriamente 'virtual', no sentido de que seu status é o de um pressuposto subjetivo. Ele só existe na medida em que sujeitos 'agem como se ele existisse' [...] ele é a substância dos indivíduos que se reconhecem nele, o fundamento de toda a sua existência, o ponto de referência que fornece o horizonte supremo de significado (Žižek, 2010, p. 18-19, grifos do autor).

Salzburgo, personificada como algo que constantemente fere a mente e a alma, age como uma instância reguladora que supostamente impediu o escritor de ser algo para além de alguém cujas potencialidades foram

completamente esmagadas, e que precisa ser exposta da forma mais minuciosa possível, uma vez que nenhuma denúncia conseguiria atingir a total reparação por tudo o que foi feito no passado. Os sintomas da percepção do narrador de que a cidade de Salzburgo lhe atravessou irreversivelmente estão por todos os lados - em que foi Bernhard, que teve que arcar com 'o mais alto dos preços', relegado a uma infância 'desprotegida', que teve a possibilidade de exercer a sensibilidade minada ('eu ideal'). De fato, sobre a posição do interior da Áustria com relação à capital, Hofmann (1996) nos lembra que, muito antes da *Anschluß* ser votada em 1938, com certeza, muitos anos antes, ela já teria sido votada com aprovação disparada pela região alpina austríaca. O jornalista pontua que já havia, muito antes da guerra, bandeiras nazistas na frente de casas na região, ou que proibiam que judeus reservassem quartos em determinadas pousadas, mostrando como a região em que Bernhard na infância também contribuiu na atmosfera opressora que até então já era constituinte de suas experiências - em contraste, por exemplo, com a *intelligentsia* que ainda morava em Viena em meados dos anos de 1930 (Sigmund Freud, Karl Kraus, Robert Musil) e que procurou por muito tempo acreditar que a mancha do nazismo não resistiria ao racional e que a socialdemocracia não tardaria em encontrar uma solução para combater a escória social. Outros, ainda, acreditavam na possibilidade das políticas militares de Engelbert Dollfuss, coordenadas com os ideais austrofascistas que o chanceler moldou - junto à legitimidade até então dada por Mussolini - de ajudarem a Áustria a resistir ao nazismo.

No interior austríaco, essa fronteira já não existia há muito tempo - Stefan Zweig, já com mais de cinquenta anos quando Hitler se torna chanceler da Alemanha em 1933, morava em Salzburgo e também já alucinava com os tanques percorrendo a Baviera, que fica a poucos quilômetros daquela cidade (Hofmann, 1996). Talvez essas considerações nos auxiliem a visualizar a discrepância não somente da chegada, mas também da contaminação nazista de Salzburgo muito antes da formalização jurídica da *Anschluß*.

Quando Bernhard retorna para o uso da primeira pessoa, logo em seguida à citação anterior, encontramos as seguintes considerações:

'Não tivesse eu sido capaz de deixar para trás aquela cidade' em última instância e desde sempre ofensiva e agressiva ao espírito criador, aniquiladora enfim, 'a um só tempo cidade materna e paterna', não a tivesse abandonado de 'uma hora para outra, e aliás no momento decisivo e redentor da mais aguda tensão nervosa e do máximo esgotamento mental', teria feito como tantos outros espíritos criativos que conheci [...] e me matado de uma vez (Bernhard, 2006, p. 121, grifos nosso).

Neste trecho, Bernhard associa a cidade a uma força opressiva que aniquila o espírito criativo e leva muitos à morte. O ato de deixar Salzburgo, ao mesmo tempo em que simboliza uma ruptura decisiva com a cidade que moldou sua subjetividade de maneira ofensiva e agressiva, obliterando qualquer forma de humanizado, também é comparado ao abandono de um lugar 'a um só tempo' materno e paterno sobre ele, evidenciando a complexa relação entre enfrentar o grande Outro e buscar por autonomia (o que não necessariamente culmina em uma narrativa de si bem-sucedida, como veremos). Ao mesmo tempo, este ato ser feito 'de uma hora para outra', no 'momento decisivo e redentor da mais aguda tensão nervosa e do máximo esgotamento mental', pode nos mostrar como a libertação das amarras por parte de Bernhard não é necessariamente emancipação, e, sim, na verdade, um gesto necessário para sua autopreservação, isto é, para sua existência mais elementar. Aí entra aquilo que a historiografia da Áustria nazista não abarca objetivamente: o conflito de um sujeito que, em meio a um estado que recebeu muito abertamente a maré de camisas pardas antes mesmo de ganhar intensidade, teve as raízes também nutridas por elementos desse mesmo lugar.

Ainda seguindo este mesmo trajeto, há uma intensificação das duas vozes, bem como dos tempos verbais passado/presente, ao de fato fazer a transição das considerações sobre Salzburgo (o 'geral') para o internato (o 'particular'), microcosmo no qual ocorre seu cotidiano naquele período:

De súbito, 'como *percebi (senti)* à época e hoje *penso*', considerando toda a severidade de uma tal experiência, 'o garoto de treze anos se vê' na companhia de trinta e quatro meninos da sua idade num dormitório sujo e fedorento do internato da Schranngasse [...] e 'passa semanas sem conseguir dormir, porque sua razão não compreende o motivo pelo qual ele precisa estar ali' [...]. As noites 'são para ele uma escola de observação do abandono reinante nos dormitórios de tais instituições públicas de ensino', [...] crianças [...] capazes de transformar em sono profundo sua condição de esgotamento, 'ao passo que ele é incapaz de transformar sua própria *condição de esgotamento*', muito maior, um '*estado de ferimento ininterrupto* [...]. O internato é para o recém-chegado um cárcere projetado com refinamento contra ele', e portanto contra a totalidade da sua existência [...], na qual o diretor (Grünkranz) e seus ajudantes (os guardas) dominam tudo e todos [...] o internato significa 'recrudescimento crescente das punições e, por fim, ausência de perspectiva e esperança' (Bernhard, 2006, p.123-124, grifos nosso e do autor em itálico).

As abruptas transições entre tempos e vozes parecem ser o recurso utilizado para a também turbulenta transição para o internato, demonstrando a severidade da experiência ao então Bernhard de treze anos e os impasses psíquicos de aproximar-se do objeto concreto de suas dores. Presenciamos, neste ponto, um embate de duas vozes: entre a lembrança traumática da dificuldade do Bernhard dos anos de 1940 em compreender o motivo de estar ali, apontando para uma ruptura nas significações simbólicas que regiam até então sua socialização (somado ao fato de que a família lhe havia assegurado que aquele lugar seria passo fundamental para sua vida) e o narrador de 1975 que, recordando, olha com distanciamento crítico não somente para ele mesmo, mas também para o poder institucional das escolas e dos internatos na vida de sujeitos semelhantes em formação. A oposição entre o sono profundo das outras crianças e o ‘estado de ferimento ininterrupto’ de Bernhard sugere uma dicotomia entre aqueles que conseguem se adaptar e encontrar repouso dentro do Simbólico e aqueles (como ele) que enfrentam a angústia - o confronto com a falta o tempo todo.

No entanto, a ideia de que o internato é dirigido contra a totalidade de sua existência também mostra distorções frente ao que desponta como ameaçador - a fantasia de que todo o espaço é criado para testá-lo parece, na verdade, ser uma defesa contra o excesso de figuras autoritárias destruidoras que desde o início da vida vão contaminando sua autobiografia, e que acirram a necessidade de preservar-se a todo custo, por mais que seja igualmente interpelado pelos pensamentos suicidas. A respeito da fantasia, Žižek (2010) também ressalta que este elemento é uma espécie de ‘fórmula privada’ do indivíduo para lidar com a presença do grande Outro. Por isso, a fantasia sempre possuirá um estatuto ambíguo: ao mesmo tempo que nos protege do Real, tem que ser recalçada para poder funcionar (precisa existir e, ao mesmo tempo, ser irrealizável). As tentativas de suicídio são constantes em boa parte do relato, e o suicídio passa a ser tematizado por ele próprio enquanto se esconde diariamente em uma saleta de sapatos para tocar violino, seu único refúgio - ainda que, lá dentro, tema todos os dias que o cômodo subitamente exploda com os bombardeios sofridos por Salzburgo, algo que também vira rotina. Ele tenta criar um Simbólico ‘particular’ para si (a fantasia), mas que não resiste.

Bernhard não apenas fala sobre os próprios pensamentos suicidas, mas também se aproveita deles para criticar a relutância da sociedade ao nunca tematizar o suicídio e tratá-lo como tabu, sendo que no próprio internato, no tempo de sua estadia, o escritor vira quatro suicídios por enforcamento, por se atirarem de montes por “[...] puro desespero” (Bernhard, 2006, p. 127). A palavra a tudo invade, repetitivamente, também unindo-se a algumas das constatações mais polêmicas e provocativas do autor, já que ele busca constantemente provar que, quando não é o nazismo é a “[...] estupidez católica” (Bernhard, 2006, p. 129) que faz com que as pessoas se matem. No entanto, é curioso o argumento de Bernhard para que o leitor acredite nele, assumindo cingidamente (e, novamente, na primeira pessoa do singular) uma suposta retenção da verdade exata das coisas: “[...] [o]s dois cemitérios estão repletos de provas da exatidão das minhas lembranças, e sou grato por nada jamais as ter falseado, lembranças de que aqui posso dar apenas indicações” (Bernhard, 2006, p. 129). Ao mesmo tempo em que ‘jamais falseia’ suas lembranças, delas pode dar ‘apenas indicações’. Afinal, toda aproximação ao Real² do trauma é contrabalanceada pelas tentativas de expressão no Simbólico, a partir do Imaginário criado - na medida em que “[...] qualquer contato com um outro real [...] só pode ser suportado na medida em que esse outro entre no quadro da fantasia” (Žižek, 2010, p. 66). Em outras palavras, a consciência das limitações traz uma reflexão sobre a natureza imaginária da representação, e à inevitabilidade das fissuras no Simbólico, de onde emerge, ainda que à distância, do Real.

De toda forma, Bernhard expõe como as piores lições sobre a história e a sociedade foram estruturadas pelo nazicatólico internato Johanneum: a culpa, a delação, a falsificação histórica e o incentivo em passá-la adiante, o totalitarismo, o sadismo dos ideais pangermânicos, o medo excessivo de tudo, a correria diária para os abrigos antiaéreos que irrompiam as pretensas ilusões de normalidade, a brutalidade da guerra, os corpos decepados nas caminhadas nas ruas. Os mortos vão também tomando cada vez mais conta do relato, e qualquer fascínio infantil pela guerra que Bernhard e as crianças poderiam ter se sentido súbito se desfazem:

Até hoje não esqueci os mortos cobertos com lençóis no gramado à entrada da cooperativa e, sempre que me aproximo da estação, ainda vejo aqueles mortos e ouço as vozes desesperadas dos parentes deles, o odor de carne queimada, humana e animal, integra ainda hoje, recorrente, aquela cena terrível. Os acontecimentos na Fanny-von-Lehnert-Strasse foram decisivos, uma experiência dolorosa que marcou toda a minha vida [...] hoje, quando pergunto às pessoas que moram e (ou) trabalham ali, ninguém mais se lembra do que vi naquela rua, o tempo sempre transforma sua testemunha em esquecidos (Bernhard, 2006, p. 139).

² O irrepresentável (sinalizado apenas indiretamente pelos sintomas). O Real é aquilo que se nega para que as coisas possam permanecer tais como elas são no Simbólico - e que produz alterações no Imaginário - ao mesmo tempo em que só pode existir enquanto fissura originada pelo próprio Simbólico.

Sua professora de inglês também vira um desses corpos: sempre esperando seus alunos em um restaurante térreo de uma hospedaria da Linzergasse, a ‘senhora de Hannover’ morre no meio dos escombros após um bombardeio do local. Bernhard, a quem somente faziam companhia as aulas de violino e de inglês, perde estas últimas e, como narrador no tempo presente, indigna-se em saber de que ninguém em Salzburgo lembra-se da professora, do lugar, do bombardeio. Tudo virou uma grande perda de memória coletiva: “[...] sempre falo dessa época terrível, mas a reação das pessoas é balançar a cabeça. Em mim, aquelas experiências seguem tão presentes que é como se tivessem acontecido ontem, sons e odores retornam de imediato quando vou à cidade” (Bernhard, 2006, p. 145). Em contrapartida, “[...] quando falo com antigos moradores, que hão de ter vivido o mesmo que vivi, falo com a gente mais irritadiça, ignorante e esquecida possível, é como se falasse com um único, mesmo e ofensivo desconhecimento - ofensivo à mente e ao espírito, aliás” (Bernhard, 2006, p. 145). Como se, em outras palavras, todos estivessem adotando “[...] uma medida preventiva desesperada destinada a evitar o inferno espectral das fantasias [...]” (Žižek, 2010, p. 76), enquanto Bernhard é o sujeito que é capaz de olhar de fora e perceber que, longe de se refugiar no sonho/adormecimento da realidade, “[...] a tarefa ética máxima é a do verdadeiro despertar: não somente do sono, mas do feitiço da fantasia que nos controla ainda mais quando estamos acordados” (Žižek, 2010, p. 76).

Esta ausência de recordação coletiva, de reelaboração do passado austríaco, gera uma incômoda falha no tecido simbólico, o qual, para Bernhard, deveria ter ao menos preservado e não se negado à transmissão da história. O Outro não valida e legitima as experiências pessoais que o escritor sabe que viveu na infância; não chancela suas percepções e recusa-se a compartilhar as possíveis ressignificações de tantos eventos traumáticos. No entanto, ao falar não somente sobre os mortos, mas sobre a própria atitude perante os mortos, o relato parece encontrar perfeitamente outra afirmativa de Gagnebin (2009, p. 139) sobre a autobiografia que não se rende ao narcisismo e à ilusão de transparência: “O eu conta sua vida para não deixar cair no esquecimento a história dos outros [...] que não têm possibilidade de palavra ou que já emudeceram. Escrever a história de sua vida pode então significar, e talvez em primeiro lugar, recordar a morte dos outros”.

Ainda sobre não prometer transparência, poucas páginas depois de tantos apontamentos sobre as mortes e os delírios moralistas da comunidade de Salzburgo - por exemplo, depois de tudo isso, um padre ter se recusado anos depois a enterrar o avô de Bernhard simplesmente por não ter se casado na Igreja (Bernhard, 2006, p. 152) - há um retorno da tentativa de significar a insistência do próprio ato de escrita, ao mesmo tempo em que, repentinamente, confronta-se com o amor:

[...] e é necessário que estes apontamentos sejam registrados agora, e não depois, é preciso que o sejam neste exato momento [...] ‘antes que chegue e se instale de repente o tempo do embelezamento e da atenuação inadmissível’ [...]. E não é apenas a época infeliz, com sua guerra [...] o que ainda hoje me faz caracterizar o tempo como o mais sombrio [...] ‘o motivo para tanto foi (e é) o espírito letal da cidade [...] é *ela própria o elemento mortífero de seu solo letal*’. [...] E justamente esse solo mortífero ‘que trago comigo por nascimento é minha terra, estou mais em casa nessa cidade (letal) e nessa região (letal). [...] tudo o que trago dentro de mim está de fato relacionado à cidade’ [...] pouco importa o que eu pense ou faça [...] ‘e um dia será tão grande que isso, a consciência disso, vai me matar. Tudo o que trago em mim está à mercê dessa cidade, que é minha origem’. [...] Contudo, a feiúra e a decadência [...] conferiram-lhe de repente traços humanos, de tal modo que ‘só por essa época, nem antes nem depois, consegui amar de fato minha cidade natal, e a amei de todo o coração’ (Bernhard, 2006, p. 153-161, grifos nosso e do autor em itálico).

Esta longa citação abarca alguns momentos de páginas específicas, pois, de fato, reunidas acabam sintetizando toda quebra de autoengano que o leitor poderia se permitir ter. Do ódio ao amor, deparamo-nos com a falta de unicidade no pensamento de Bernhard. Ao mesmo tempo, ela coloca a tríade RSI em movimento: a letalidade, o Real da representação da cidade de Salzburgo (e angústia/fascinação em perceber, tal como um vírus incômodo e misterioso, a contaminação da cidade dentro de si), é contrabalanceada ao Imaginário (a feiúra que é fonte do amor) e ao Simbólico em conflito com a construção da memória. Esses traços da dualidade entre a letalidade da cidade e o amor genuíno destaca as ambiguidades inerentes à relação de Bernhard com Salzburgo, evidenciando as contradições do investimento libidinal em uma cidade que parece investir-lhe de volta com as mesmas contradições - ao mesmo tempo, talvez só sendo possível amá-la justamente porque a decadência de Salzburgo a torna mais próxima de sua própria vida pessoal. Retomando Enriquez, contra o perigo que os sujeitos possuem em sociedade de ‘não mais existir’, estes acabam o mascarando simultaneamente ao situar:

1) a exterioridade do ambiente, graças às classificações que o fazem reconhecível e o colocam a boa distância (suprimindo ou neutralizando suas características agressivas); 2) a participação íntima de cada ser neste ambiente que o

torna familiar, *semelhante a si*, ‘prolongamento do seu corpo’ [...]. Todo indivíduo torna-se o lugar (corporal e psíquico) onde se inscrevem os resultados das interações sociais (Enriquez, 1990, p. 219, grifo nosso e do autor em *italico*).

À luz do exposto, na seção ‘Grünkranz’, a cidade de Salzburgo emerge como um elemento central (e contraditório) na narrativa do sujeito autobiográfico, agindo como um ambiente tanto externo quanto interno. Seus conflitos, contradições e interações com o ambiente são tão intensos, cuja complexidade do Imaginário atua sobre as outras instâncias psíquicas do autor, que o próprio ensaio foi bipartido.

Família, Estado, Guerra: ‘Onkel Franz’

A prova definitiva das contradições de *Die Ursache* é que, quando se chega à parte dois de *Die Ursache*, ‘Onkel Franz’, curiosamente, o tema da família retorna. No lugar de Salzburgo, os ‘genitores’ - como um substantivo abstrato - e a relação entre a mãe de aspirações pequeno-burguesas e o pai, que de Bernhard jamais quis saber - no concreto - são alvos de um ataque colossal nas primeiras páginas. Bernhard inicia constatando que um ser humano gerado é um ser humano destruído; um ser humano, quando criado, só pode ser criado para a ruína; uma ‘existência existida’ é uma existência aniquilada; e ‘pais não existem’: o que existem são “[...] criminosos gerando novos seres humanos, investindo com toda insensatez e estupidez contra esses novos seres por eles gerados e sendo apoiados pelos governos nesse seu crime” (Bernhard, 2006, p. 172-173). Porém, não há nenhum retrocesso ou escapismo com relação à presença da cultura e da sociedade: pelo contrário, o crime dos genitores é colocar o ser humano para ser destruído pelas instituições - chamando a Igreja, por sua vez, de “[...] a grande exterminadora” (Bernhard, 2006, p. 175). Assim, o autor não se retrai diante da complexidade das interações sociais, mas, pelo contrário, enfatiza a responsabilidade das instituições e suas influências negativas na formação e no destino dos seres humanos, trazendo de volta a família como portadora de egoísmo por saber, cinicamente, que é isto que lhes aguarda.

O fato de ser a sua própria família o objeto desta questão também remonta a uma das afirmações de Žižek (2010), quando o filósofo esloveno diz que o trauma nunca vem à tona de imediato na forma de consequência, mas sim quando ocorre um impasse no Simbólico e é necessário um enfrentamento. Evoca-se o Real do trauma para preencher uma lacuna - ou seja, para preencher algum aspecto problemático do Simbólico. Se lembrarmos que Salzburgo, em ‘Grünkranz’, foi “a um só tempo cidade materna e paterna” (Bernhard, 2006, p. 121) e aniquiladora do espírito criador, como já citado, também temos uma pista de que se trata de um *leitmotiv* circulando e que reaparece direcionado a outros destinatários. Nesta chave, é possível subentender que a subseção ‘Onkel Franz’ trará não a superação e o alívio diante do fim do regime nazista; mas, pelo contrário, um Simbólico extremamente fraturado e com tantas injunções autoritárias do grande Outro como em outros episódios da vida de Bernhard.

Logo em seguida, inicia-se um dos momentos mais conhecidos deste relato: ao término ‘formal’ da guerra em maio de 1945, o escritor começa a contar como o tio Franz - como os jovens assim se dirigiam ao padre católico que passou a dirigir o colégio Johanneum - substituiu o cargo de Grünkranz (a quem o escritor diz que provavelmente fora preso por seu passado nacional-socialista). Se o leitor se recordar de todas as vezes em que Bernhard polemicamente comparou os efeitos do nazismo aos do catolicismo, não irá se surpreender que o que será enfatizado será uma relação mais de contiguidade e afinidade entre Grünkranz e o tio Franz do que qualquer diferença entre eles. No lugar do púlpito onde o primeiro incentivava os estudos pangermânicos às crianças e aos jovens, há agora um altar católico; onde havia o retrato de Hitler, há agora uma grande cruz (as manchas de onde aquele havia sido pendurado, inclusive, ainda aparecendo junto a este); onde havia o piano que acompanhava os hinos nacionais-socialistas, há agora um harmônio (Bernhard, 2006, p. 176).

Enquanto o colégio tenta foracluir a guerra, o olhar de Bernhard denuncia sua presença espectral traumática. Mais do que excluir, para Slavoj Žižek,

[a] foraclusão, porém, é um ato fundador: algo é deixado de fora de um sistema, e o simples ato de deixar de fora é fundamental para criar esse sistema. O objeto foracluído é ‘sempre-já’ foracluído, portanto, sem chances de ser ‘reabilitado’ pelo sistema - o que eventualmente poderia acontecer com o excluído (Silva, 2018, p. 25, grifos da autora).

Portanto, é justamente ao tentar expelir as marcas do Terceiro Reich que se cria um novo sistema em que as coisas passam a acontecer enquanto se segue em frente: não à toa, lembram-nos Zeyringer e Gollner (2019, p. 702), o lema da reconstrução “[...] e, ao mesmo tempo, do recalque [...]” pós-45 era “Juntos ao futuro”. Dentre os pretextos que bem serviram aos austríacos neste momento foi a Declaração de Moscou de 1943, em que

Os aliados afirmaram [...] que a Áustria seria vista como a primeira vítima da Alemanha caso colaborasse para sua libertação [...] interpretada como absolvição nacional. Mas foram rapidamente esquecidas a condição expressa no termo ‘caso’ e a passagem que afirma que a Áustria teria certa responsabilidade pela participação na guerra ao lado de Hitler. Essa ‘teoria da vítima’ [...] virou alicerce do Estado (Zeyringer & Gollner, 2019, p. 702, grifo dos autores).

Nesse cenário, o estreitamento das relações com o catolicismo não foi ocasional – pelo contrário, Áustria e Igreja católica caminham juntas com vigor desde os Habsburgos, religiosos fervorosos e que combateram com todas as forças a impregnação do protestantismo em seus territórios, de forma avessa à Alemanha, apoiando a Contrarreforma. Tal relação, portanto, é mais um ponto em que entra a especificidade austríaca. Mesmo quando o Sacro Império Romano Germânico já havia sido reduzido consideravelmente ao passar para Império Austro Húngaro,

Se Paris transformava as formas do *Ancien Régime* e se tornava, nas palavras de Benjamin, a ‘capital do século XIX’, a Áustria se acomodava em seu provincianismo, abrindo mão da categoria de metrópole europeia que ostentou no barroco, não pouco pela força do catolicismo (Flory, 2006, p. 67, grifo do autor).

Tanto as marcas do esplendor barroco quanto a mitologia criada em cima da derrota do Império Otomano e da expulsão dos invasores turcos têm marcas na própria inserção da Áustria no capitalismo pós-guerra até os dias atuais. Assim, o endosso do catolicismo como doutrina e como matriz para reforço de novos mitos faz parte da própria inserção da Áustria no capitalismo contemporâneo – “[...] cultivando para si mesma uma imagem que lhe traria tanto identidade e dignidade quanto dinheiro, mas ao custo de alijar do debate a discussão fundamental e que permanece latente na forma social” (Flory, 2006, p. 66).

Desse modo, os paralelismos concatenados por Bernhard - Igreja e nacional-socialismo - sugerem que tanto Grünkranz quanto o tio Franz, representantes de esferas ideológicas diferentes somente na superfície, compartilham certas características autoritárias e opressoras – bem como acabam em seus respectivos ‘altares’ nas paredes das instituições que as cultuam. Lembrando as considerações sobre o significante para a teoria psicanalítica lacaniana, o modo como esse processo de equivalência é moldado por Bernhard pode ser interpretado considerando que os sistemas ideológicos, sejam políticos, sejam religiosos, podem operar de maneiras semelhantes na subjetividade – endossando a tese de que o controle social reverbera também no controle dos corpos e na extensão do sofrimento psíquico. A pressa com relação a recalcar os acontecimentos do nazismo é tão evidente que as manchas de onde o retrato de Hitler estava pendurado permanecem emitindo suas manifestações nas sombras de onde a cruz agora era pendurada. Demarcar isso – como os regulamentos do internato/colégio mal haviam sido alternados, e de cada lembrança que vinha à tona – mais do que provocar, é também agir como pura negatividade que atravessa as intimidações da ordem, que se esconde sob a fachada de uma suposta retomada de normalidade da vida, às custas da forclusão das vítimas da guerra e do Holocausto: “Durante anos, contudo, continuei sendo acordado e aterrorizado nos meus sonhos pelas sirenes de alarme, pelos gritos das mulheres e nas crianças nos túneis e pelo ribombar dos aviões do céu” (Bernhard, 2006, p. 180-181).

A única coisa que muda, na narrativa construída por Bernhard, é que ele já não tinha tanto medo de Franz quanto tinha de Grünkranz antigamente, já que “[...] esse meu medo fora escolado durante anos em outra relação intensa de poder e impotência, até os limites extremos do sentimento e da razão, de tal modo que, de repente, meu medo já não era tão grande como o dos outros [...] eu já havia sido destruído e aniquilado” (Bernhard, 2006, p. 181). O fato de os métodos de punição, de sadismo e de destruição serem idênticos remetem ao estranho familiar – aquilo que parece, à primeira vista, oposto, mas na verdade coincide em tantos pontos que parece que aquilo que está acontecendo já é um velho conhecido do autor:

A chamada inocuidade da pequena-burguesia é, na verdade, uma falácia grosseira e desleixada, capaz muitas vezes de conduzir à perturbação e à destruição do mundo [...]. A população da cidade, seus habitantes, não aprendeu nada com a experiência, pelo contrário. Da noite para o dia, o nacional-socialismo pode tornar a assumir o controle, substituindo o catolicismo, a cidade apresenta todos os pré-requisitos para tantos ‘e, de fato, temos hoje ali um equilíbrio em constante perturbação entre catolicismo e nacional-socialismo, a balança pode pender a qualquer momento para o nacional-socialismo’ (Bernhard, 2006, p. 187, grifo nosso).

O fato de que Bernhard só não tinha mais tanto medo porque ‘já havia sido destruído e aniquilado’ reflete novamente a perda do ‘eu ideal’ que poderia ter existido, havendo assim uma escalada: o ‘eu ideal’ poderia ter tido continuidade após a castração não fosse interferência da família, de Salzburgo, dos austríacos; agora a culpabilização direciona-se para o internato/colégio. O sujeito autobiográfico dirige-se (*S*), novamente, para o vazio deixado pelo distanciamento de seu objeto ‘*a*’, e que faz com que este *S* lamente esta perda, posto que

não lhe deixou necessariamente mais preparado para encarar uma nova etapa de um ambiente repressivo, mas, sim, apenas mais alienado com relação aos próprios desejos.

Páginas depois, Bernhard (2006) reitera que, já que todos o excluíram e se repugnaram contra ele, ele optou por se ensimesmar, defendendo, ironicamente, para seus leitores, que isso não o levou ao desamparo, mas a ser forte - algo que será desmentido pelo próprio Bernhard, conforme análise mais adiante. Não à toa, entra a narrativa em um momento de presença de diversas passagens que soam como se Bernhard, como numa confissão³, defendesse a si mesmo. Há, por um lado, novamente a presença da metanarrativa:

Neste ponto, devo reafirmar que registro ou apenas esboço e 'indico aqui o que *senti* outrora, e não o que *penso* hoje', pois 'meu sentimento de então diverge do meu pensamento atual, e a dificuldade reside em, nestes registros e indicações, transformar o sentimento de outrora' e o pensamento de hoje em registros e indicações que correspondam aos fatos do passado e a minha experiência como aluno àquela época, 'ainda que provavelmente não o façam com justiça; de todo modo, quero tentar' (Bernhard, 2006, p. 182-183, grifos nosso e do autor em itálico).

Esta característica de misturar os tempos verbais também é uma constante na escrita dos próprios romances do autor. Recuperando Flory (2006, p. 75), na estrutura narrativa de Bernhard, "[...] o narrador instaura o diálogo consigo mesmo. Este é o diálogo entre o presente e o futuro da narrativa, pois somos apresentados à narrativa em seu tempo presente e recebemos as referências de um narrador no futuro, tempo da escrita". Isto parece se repetir com precisão nesses relatos, para além de sustentar o paralelismo com relação a como se manifesta o sujeito barrado, segundo o esquema L laciano. Ao mesmo tempo em que há uma tentativa de dar sentido à experiência e consolidar uma identidade coerente, mas, ao mesmo tempo, acaba revelando a fragmentação inerente:

Quem, no entanto, dá expressão a esses pensamentos que, de fato, pairam constantemente no ar salzburguiano - assim como quem manifesta outros pensamentos de igual perigo que também pairam no ar da cidade - é declarado louco, como louco é declarado quem quer que manifeste o que pensa ou sente. 'E isto aqui são meras indicações de pensamentos pensados e sentimentos que sempre, por toda a sua existência, no mínimo irritaram aquele que os vai registrando, que jamais o deixaram em paz' (Bernhard, 2006, p. 187, grifo nosso).

Por outro lado, confessar-se não deixa de ser uma forma de endereçar-se ao olhar do Outro. Longe de fazê-lo como quem busca validação e pertencimento (neste momento), pelo contrário, o ato linguístico aqui traz elementos do inconsciente que se relacionam à angústia. Tentar definir o máximo possível a experiência trazida - ao mesmo tempo em que se demonstra consciente das imprecisões e das 'irritações' por trás dos registros - intensifica a ansiedade e a tensão causada entre a consciência da escrita e a expectativa perante a atitude de enunciação/endereçamento. Não à toa, Bernhard parte, por fim, para retomar e repetir a discussão em torno do significante 'a causa' [die Ursache]. Mencionei aqui já uma citação, que continha a seguinte ideia: "[...] ao intentar por escrito esta 'indicação de uma causa, que a cidade impregnou todo o seu ser' e definiu seu intelecto 'sempre foi', sobretudo na infância e na adolescência, uma cidade 'a lhe ferir' [...], a 'castigá-lo e puni-lo sem cessar'" (Bernhard, 2006, p. 121, grifo nosso). Agora, o retorno da indagação pela causa - e pela origem - é registrado e nota-se que não houve transformação para aproximar-se da resposta, senão para realmente externar diversos pontos que agem contra diversas alegações que o próprio Bernhard já havia feito - sobre ter saído mais forte de tudo o que passou, sobre não sentir mais medo, dentre outros.

Um estado mental ou emocional ou mental e emocional, sempre deprimente ou no mínimo irritante me acomete de pronto quando chego hoje à cidade, [...] 'e eu *me pergunto pela causa* desse estado mental ou emocional, [...] graças a toda a carga de uma origem que ainda hoje desperta medo em minha mente, insuportável'. Infância e juventude, difíceis em todos os aspectos, conduzindo apenas a uma perturbação depressiva; somando-se tudo ao longo precisamente dos anos aqui indicados, consequências gravíssimas, 'a sensação caótica de uma espécie de reprimenda jamais esclarecida, mas atuando sobre mim em todos os sentidos'. A cidade da infância (e juventude) 'ainda não se resolveu, eu ainda a adentro com a cabeça desprotegida, incapaz de toda e qualquer defesa', meu estado de ânimo inteiramente a sua mercê. [...] nada do que vivi e estudei, estudei com afinco e tornei a descartar, 'nada disso produziu o menor efeito' contra o estado de ânimo que se estabelece tão logo chego (Bernhard, 2006, p. 207, grifos nosso e do autor em itálico).

O que era sintoma se transforma em comunicação verbal direta: há medo, há a insuportabilidade do Real, há a persistência dos recalques, há elementos ainda não resolvidos - e não poderia deixar de sê-lo, como ecos do chão austríaco onde viveu. Não houve emancipação no sentido iluminista do termo. Mas a confirmação da desintegração acaba dando forma não somente à expressão do sofrimento, mas à socialização da recusa à culpa: o sujeito

³ Lembremos também que o próprio gênero autobiográfico, em visão ocidentalizante, é visto como tendo seu nascimento com as *Confissões* de Santo Agostinho (354-430), e que o desenvolvimento moderno do gênero, em convergência com a ascensão do romance, também encontra título idêntico em Jean-Jacques Rousseau (1782) (Galle et al., 2009).

autobiográfico, longe de internalizar a falha, retorna através da linguagem simbólica um modo extremamente claro de acessar como sua experiência vivida foi composta por aspectos cruéis e inabordáveis de maneira linear e integrada. Mesmo com todos os defeitos de simbolização, Bernhard reivindica o direito de memória e de transmissão dessa memória, não cedendo ao desejo de atravessar essas vivências, ainda que possam ser tão propensas ao emudecimento. O autor sabe que não precisa reivindicar a posição de narrativa da vítima, uma vez que isso seria igualá-lo ao *modus operandi* da própria Áustria. Assim, suas misturas, repetições, contradições e incongruências são o modo de assumir linguisticamente a necessidade de partir de um outro lugar que não seja o do idêntico ou do mitológico. Não se trata apenas de falar do furo, mas de apropriar-se do furo no próprio processo estetizante – talvez por ser a forma mais honesta em se lidar com o saber. Além disso, a força de sua recusa está em permanecer reiterando que o que passou é intratável, a fim de não se adaptar à estrutura patológica da suposta ordenação social - o máximo que se pode fazer é criar a “[...] narrativa traumática forcluída do crime/da transgressão” (Žižek, 2015, p. 79), mas nunca conseguir trazer à tona o próprio Real em si. São esses alguns dos procedimentos que fazem que a Áustria não esteja somente como tema direcionado pelo sujeito autobiográfico, principalmente por meio da relação pessoal com as instituições, mas também, e principalmente, como forma.

Considerações finais

Ao longo deste texto, busquei compreender as particularidades da autobiografia de Bernhard (afunilando para as duas partes do relato *Die Ursache*) à luz de um contexto histórico complexo, marcado pela resistência, mesmo nos anos pós-1945, tanto da sombra do nazismo e como do silêncio eloquente sobre os horrores da Segunda Guerra Mundial na Áustria, bem como as possíveis escolhas conscientes/inconscientes do sujeito autobiográfico para tematizar vivências individuais e coletivas. O diálogo com a psicanálise e o materialismo lacaniano foi fundamental para minha proposta de compreender mais profundamente das dinâmicas subjacentes à construção narrativa do autor e sua relação com o contexto histórico austríaco, a fim de melhor mapear a cartografia inconsciente em que residem as representações de um trauma coletivo.

Assim, utilizar uma abordagem que considera a linguagem como uma ferramenta central na constituição da subjetividade e na expressão do inconsciente - para, acima de tudo, pensar na relação dessas com o fato de que jamais são construídas acima da ideologia - me possibilitou construir uma nova forma de compreender os mecanismos pelos quais a escrita de Bernhard se constrói e para onde apontam seus jogos estéticos (incongruências, repetições, misturas de vozes e tempos verbais), ao mesmo tempo em que busquei dialogar com as complexidades históricas e culturais de sua época, sem recair em psicologizações como ‘ressentimento’ ou focar no conteúdo do relato apenas como expressão de uma vítima – desidentificação que afirmo ser o ponto de partida necessário para o confronto do autor com relação aos rumos da historiografia austríaca do século XX, baseada justamente no idêntico, no mito, no apagamento e na ausência de furo na narrativa apoteótica do país que vai do esplendor barroco à “[...] disneylândia alpina” (Flory, 2006, p. 65). Ao contrário, os movimentos em que a linguagem é retida e que escorre das palavras do autor me permitiram verificar o projeto que Bernhard parece ter tomado para si e os sintomas que demonstram os obstáculos, a impossibilidade e a persistência do Real. Somente a continuidade de tais estudos permitirão trazer resultados mais abrangentes a respeito das principais recorrências em toda a sua autobiografia. Por ora, espero ter colocado um primeiro passo para novas compreensões da obra do escritor austríaco.

Referências

- Bernhard, T. (2006). *Origem*. Companhia das Letras.
- Bohunovsky, R. (2010). À procura da literatura austríaca: da construção à análise de um mito. *Pandaemonium Germanicum*, 15, 139-162. <https://doi.org/10.1590/S1982-88372010000100009>
- Enriquez, E. (1990). *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Zahar.
- Flory, A. V. (2006). *Sopa de letras nazista: a apropriação imediata do real e a mediação pela forma na ficção de Thomas Bernhard* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Freud, S. (1923-2011). *O eu e o id. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos - 1923-1925* (vol. 16, Obras completas). Companhia das Letras.
- Gagnebin, J.-M. (2009). “Entre moi et moi-même” (“Entre eu e eu mesmo”) (Paul Ricoeur). In H. Galle, A. C. Olmos, A. Kanzevolsky, & L. Z. Izarra (Orgs.), *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia* (pp. 133-139). Annablume.

- Galle, H., & Olmos, A. C. (2009). Apresentação. In H. Galle, A. C. Olmos, A. Kanzevolsky, & L. Z. Izarra (Orgs.), *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia* (pp. 9-18). Annablume.
- Hofmann, P. (1996). *Os vienenses: esplendor, decadência e exílio*. José Olympio.
- Lacan, J. (1964-1974). *O seminário, livro 22: R.S.I.* (lição de 18 de fevereiro de 1975. Inédito).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 496-533). Zahar.
- Miller, J. A. (2002). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Zahar.
- Poltzer (2022). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Lavrapalavra Editorial.
- Silva, M. C. (2009). Materialismo lacaniano. In L. O. Zolin, & T. Bonnici. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* (pp. 205-210). Eduem.
- Silva, M. C. (2018). Maio de 68 e o século XXI: o pensamento de Slavoj Žižek. *Revista Uniletras*, 40(1), 22-32. <https://doi.org/10.5212/Uniletras.v.40i1.0002>
- Zeyringer, K., & Gollner, H. (2019). *Áustria: uma história literária - literatura, cultura e sociedade desde 1650*. UFPR.
- Žižek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Zahar.
- Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Zahar.
- Žižek, S. (2015). *O absoluto frágil*. Boitempo.